

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
12 de março de 2025

BRIGHT LIGHTS
(1930)

um filme de **Michael Curtiz**

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Henry McCarthy, Humphrey Pearson / Fotografia: Lee Garmes / Som: George R. Groves / Direção Artística: Anton Grot / Guarda-roupa: Edward Stevenson (não cred.) / Música: Leo F. Forbstein / Montagem: Harold Young / Interpretação: Dorothy Mackaill (Louanne), Frank Fay (Wally Dean), Noah Beery (Miguel Parada), Inez Courtney (Peggy North), Eddie Nugent ("Windy" Jones), Daphne Pollard (Mame Avery), Frank McHugh (Fish, um repórter)
Produção: Robert North para a First National Pictures, Inc. / Cópia: 35mm, preto branco, com legendagem eletrónica em português / Duração: 69 minutos / Estreia Mundial: julho 1930 / Inédito comercialmente em Portugal

Aviso: A cópia a exhibir apresenta um corte no lado esquerdo da imagem.

«Nasci em Hull, na Gran-Bretanha, a 5 de Março de 1903, e, como sempre tive a mania de dançar e muitos motivos, que não vêm a pêlo referir, me obrigaram a ganhar a vida, fiz-me professora de dança na minha cidade natal.» Assim começa o relato de Dorothy Mackaill numa breve "autobiografia" ("dois dedos de conversa"), certamente adornada pelo departamento de publicidade dos estúdios americanos para distribuição a veículos de divulgação como a portuguesa *Cinéfilo* que aqui se transcreve.

Em **BRIGHT LIGHTS**, Dorothy Mackaill é Louanne, estrela da Broadway que faz a sua última atuação nos palcos (*Bright Lights* é o título da peça-dentro-do-filme) antes de se retirar para casar com um herdeiro de boas famílias. Nova incursão de Michael Curtiz no musical (segue-se a **MAMMY**, do mesmo ano, que, na senda do êxito de **JAZZ SINGER**, foi um dos filmes do género a que a Warner se dedicaria a produzir, sempre com Al Jolson), **BRIGHT LIGHTS** reconstrói, a partir de uma série de *flashbacks*, a carreira artística de Louanne, desde os seus inícios até ao estrelato presente. No camarim, com o noivo, o colega e um grupo de jornalistas que a vêm entrevistar antes do casamento (entre os quais veja-se, ou procure-se, John Carradine, não creditado no genérico), Louanne começa o seu relato: «My childhood was spent in a little farm in England (...) My days were spent in the meadows – picking flowers». Mas se o som nos envia para uma paisagem bucólica inglesa, a imagem mostra-nos obviamente outra, numa situação que faz lembrar **SINGIN' IN THE RAIN** (Stanley Donen e Gene Kelly, 1952). «I was intensely interested in wild life», começam os batuques, as congas, e surge Louanne/Dorothy Mackaill que, de biquini e saia de plumas, canta "Song of the Congo".

Começa aí a sua "aventura em África" (**ADVENTURES IN AFRICA** foi o título inicial do filme, que chegou a ter cópias distribuídas assim) e dá-se o encontro com Noah Beery, o contrabandista português que Louanne reencontrará mais tarde nos bastidores do teatro. Outras aventuras se sucedem, dentro e fora dos *flashbacks*, estes sempre a partir do camarim e do enorme espelho ao lado de Louanne, num jogo de duplicidades que realça o tema da aparência versus realidade, como de resto sucede em tantos filmes desses anos pré-Código: «I had what is known as IT», diz Louanne a

dado momento, denunciando o seu (e, de resto, o de Dorothy Mackaill) carácter *flapper*, quando antes dissera «life was very dull and very uninteresting».

Os números musicais (um dos quais provocou à atriz uma costela partida) que “interrompem” a história passada, «tão abundantes como elementares, sucedem-se a bom ritmo e com um notável sentido de humor e de *nonsense*, antecipando-se à peculiar comicidade dos *marxistas* Groucho, Harpo e Chico», como notou Rafael Miret (“Dossier Michael Curtiz: El musical, más oficio que pasión”, *Dirigido Por*, 2015).

Ao lado da loira Dorothy Mackaill, o ruivo Frank Fay (ator com quem Michael Curtiz fizera já UNDER A TEXAS MOON e faria de seguida THE MATRIMONIAL BED, a encerrar uma associação ao que parece marcada por permanente tensão entre os dois), no papel do colega ou “partenaire” de espetáculo de Louanne, a igualmente fabulosa e igualmente ruiva Inez Courtney, o sempre cómico Frank McHugh e os já referidos Noah Beery e John Carradine. Infelizmente, porém, não veremos nem a loira nem os ruivos. «Dorothy Mackaill strong for color – Filmed entirely on Technicolor – Send this box-office information to the world!», publicitava-se na época, mas quis o tempo que até à data não se tenham localizado materiais a cores deste filme de espelhos, enganos, duplicidades e dualidades. Dizia Michael Curtiz, a propósito da cor de BRIGHT LIGHTS: «A cor contribui para o efeito de profundidade e faz com que o público se esqueça de que está a ver uma ‘imagem’. Dá a aparência de vida real».

Nessa *vida real*, que a teve colorida, Dorothy Mackaill confessou em 1973 ter falsificado a idade para obter o passaporte que a levaria para os EUA, indicando ter dezoito anos quando ainda não tinha dezasseis. «Nada de especial. O que ficou registado está feito», escreveu.

Teresa Barreto Borges